

Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo: contexto cronológico e espaço funerário

CIDÁLIA DUARTE

R E S U M O Descoberto nos finais de 1993, o Algar do Bom Santo foi objecto de três campanhas arqueológicas, ao longo dos últimos quatro anos. Identificada como uma das mais extensas necrópoles neolíticas em gruta existentes na Europa, a jazida possui condições únicas de preservação dos contextos arqueológicos que, por si só, a tornam única no panorama da investigação bio-arqueológica. Embora não esteja ainda concluída a análise dos materiais até agora exumados, apresentam-se neste artigo a descrição geral e o contexto cronológico da necrópole.

A B S T R A C T Three field seasons have already taken place at Algar do Bom Santo since its discovery in late 1993. Unique in its dimensions, the site is recognized as one of the most important Neolithic cave cemeteries in Europe. Its excellent preservation renders it extremely important in current bioarchaeological research. In this article, we present an overview of the work developed at the site, concentrating on the description of the cemetery areas and their chronology.

1. Introdução

O sítio foi localizado no decorrer de uma campanha de prospecção, levada a efeito pela AESDA (Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente) nos calcários da elevação de Montejunto (Regala, 1995), onde o Algar do Bom Santo se localiza, a uma altitude de 350 m, na localidade do Casal do Bom Santo, freguesia da Abridada (CMP 363;1:25 000).

Imediatamente após a descoberta do sítio, o então Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico deu início aos trabalhos de escavação, que se prolongaram de Junho a Novembro de 1994. Como responsáveis pela intervenção foram designados José Morais Arnaud e Cidália Duarte.

O objectivo da primeira campanha foi essencialmente a salvaguarda do sítio e o reconhecimento das suas características fundamentais. Pelo tipo de artefactos recolhidos — machados polidos e enxós, lâminas em sílex, geométricos sobre lâmina, braceletes em concha de *Glycymeris* e contas discóides em xisto, acompanhados por rara cerâmica sem decoração, com corpo de forma esferóide, de base convexa ou plana e bordo vertical, segundo terminologia de Martins e Ramos (1992) — tudo indicava estarmos em presença de um contexto artefactual semelhante ao identificado na Gruta do Lugar do Canto (Leitão et al., 1987) ou na necrópole da Gruta da Herdade da Sala (Escoural) (Araújo e Lejeune, 1994).

As explicações apresentadas por diversos investigadores para a acumulação de núcleos de ossadas humanas em grutas-necrópole têm sido diversificadas. Sendo, na Península Ibérica, maioritariamente associadas a datações e contextos artefactuais neolíticos e calcolíticos, a sua interpretação tem oscilado entre a referência a 'esqueletos à superfície', 'inumação de crânios em nicho entaipado', 'inumação em fossa', 'acumulação desordenada de ossos e vasos em montículos' (Santos, 1971, 1985), 'remoção de ossadas para instalação de novas sepulturas' (Araújo, 1994, p. 58), ou possível deposição primária e secundária dentro do mesmo espaço funerário (Zilhão, 1984, p. 20; Duarte e Arnaud, 1995, p. 507). Em necrópoles deste tipo descobertas anteriormente, a interpretação exacta da forma como o espaço sepulcral se organizara originalmente foi limitada por factores de ordem diversa; em muitos casos, os contextos arqueológicos foram perturbados no momento da descoberta, alvo da curiosidade natural que as necrópoles em gruta provocam. No caso do Algar do Bom Santo as condições são ideais; o sítio oferece possibilidades únicas de leitura dos processos pós-deposicionais. Com efeito, vários factores podem ser identificados como responsáveis pelo elevado nível de informação disponível no Bom Santo:

- a deposição sedimentar operada após a utilização do espaço como necrópole foi insignificante;
- a última utilização da cavidade foi de carácter funerário e terminou num momento em que o espólio votivo associado aos indivíduos ali depositados era bastante homogéneo;
- a cavidade foi selada (intencionalmente ou não) com um grande bloco e não foi mais visitada, nem aparentemente ocupada por carnívoros (como atesta a ausência de restos faunísticos de espécies consumidas *in loco*);
- a integridade do sítio foi salvaguardada após a sua descoberta, ao contrário do que frequentemente aconteceu com necrópoles semelhantes;

2. Características gerais da jazida

Três campanhas tiveram lugar no Algar do Bom Santo — 1994, 1995 e 1997 — num total de 10 meses de escavação. Foram identificadas diversas salas e galerias, atingindo 285 m² de utilização óbvia como necrópole (cf. Quadro 1), distribuídas ao longo dos dois níveis superiores (entre os três identificados) da cavidade. O trabalho de topografia foi assegurado por Emanuel Carvalho, Frederico Regala, Rui Mergulho e Teresa Julião.

Quadro 1 – Áreas ocupadas por deposições funerárias visíveis à superfície, no Algar do Bom Santo (recolha de Rui Mergulho, Emanuel Carvalho e Teresa Julião).	
<i>Sala</i>	<i>Área em m²</i>
Sala A (Sete Cabeças)	36
Sala B (Concha)	16
Sala C (das Pegadas)	41
Área das Prateleiras	18
Sala das Pulseiras	42
Sala dos Ossos Queimados	25
Passagem	16
Sala da Caçadora	26
Sob os ossos queimados	12
Salas Gémeas	47
Estreito	6
Área total	285

A zona escolhida para o início dos trabalhos arqueológicos foi a sala A, contígua à rampa de acesso à entrada actual da gruta (cf. Fig. 1). Tentou-se, assim, assegurar a presença da equipa de arqueologia junto à porta actual da cavidade, de forma a vigiar e controlar a entrada inadvertida de eventuais visitantes (bastante numerosos durante os primeiros meses de escavação).

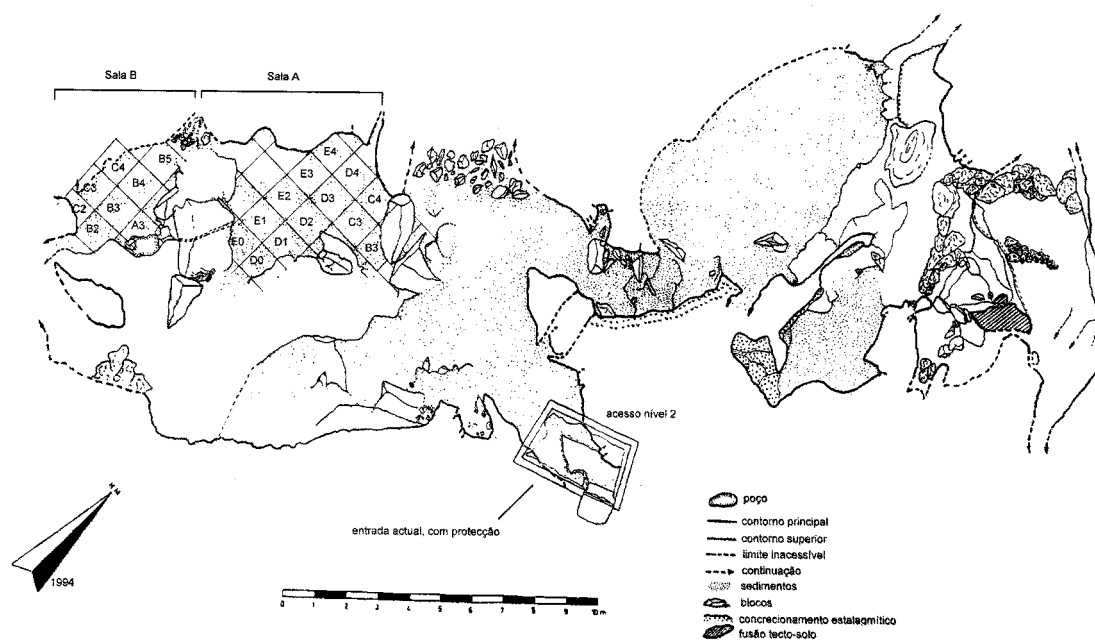


Fig. 1. Algar do Bom Santo, planta do nível superior da cavidade (adaptado de um original da AESDA).

O total da área escavada durante a primeira campanha foi de 19 m², ao longo das Salas A e B (cf. Fig. 1), espaços que deveriam ser contíguos durante o período em que foram utilizados como necrópole (ou, pelo menos, durante parte dele). O grande bloco que separa as duas salas assenta sobre núcleos de ossadas, o que indicia que o seu derrube terá sido posterior à deposição de esqueletos nesta área da cavidade. Outros episódios de grandes derrubes sobre ossos humanos são, aliás, identificáveis ao longo da gruta, sugerindo que em meados do quarto milénio a.C. (cf. datações por radiocarbono abaixo) houve, possivelmente, um episódio sísmico de intensidade considerável que terá sido responsável pela movimentação destes blocos de grandes dimensões.

Durante a primeira campanha de trabalhos arqueológicos tornou-se claro que a distribuição espacial dos restos humanos não tinha sofrido alterações significativas após a sua deposição, sobretudo no espaço designado por Sala B (Duarte e Arnaud, 1996). Assim, justificava-se a recolha de dados de forma detalhada (ainda que lenta), por forma a identificar associações anatómicas e posicionamentos relativos de segmentos de esqueletos que, aparentemente, não tinham qualquer ligação. Os utensílios utilizados na escavação dos restos humanos foram os teques plásticos ou em madeira, para que os ossos não fossem danificados e não fossem criadas pseudo-cicatrices de roedores. A única excepção deu-se na remoção de um núcleo de crânios do sul da Sala A que, por estar coberto de uma camada sólida de carbonato de cálcio, teve de ser exumado com instrumentos de metal.

Na totalidade das zonas escavadas verificou-se que os ossos humanos se acumulavam e sobrepunham, constituindo uma cadeia de deposições que nem sempre é cronologicamente explícita. Isto é, dado que a sequência estratigráfica sedimentar é praticamente inexistente, a ordem cronológica das deposições funerárias é de difícil interpretação, pois podem ter sido acumuladas em áreas específicas, circunscritas por materiais perecíveis hoje não identificáveis, mas que poderiam delimitar uma sequência de “construção tumular” dentro da necrópole. Esta hipótese é colocada, dadas certas características específicas dos contextos arqueológicos do Algar do Bom Santo — a conservação desigual de ossos humanos colocados lado a lado (sugerindo que as ossadas se encontravam parcialmente cobertas por materiais hoje não reconhecíveis), e o facto de datações obtidas por AMS indicarem uma sequência vertical que não parece coerente (cf. 3. Contexto cronológico).

Durante a segunda campanha de trabalhos arqueológicos, em simultâneo com o levantamento topográfico da cavidade, procedeu-se ao inventário do número mínimo de indivíduos (NMI) presentes na necrópole. O objectivo era, por um lado, determinar quantos corpos poderiam ter sido depositados neste cemitério, ao longo do seu tempo de ocupação e, por outro, identificar possíveis padrões de distribuição espacial dos esqueletos. O método utilizado foi o preenchimento de fichas de inventário, por cada núcleo de ossadas, ao longo de todas as salas e galerias da necrópole. A estimativa total dos corpos foi obtida a partir da soma dos NMI parciais, contabilizados a partir do número obtido para cada sala. Uma das zonas (as Salas Gémeas, cf. Fig. 2) não ofereceu possibilidades exactas de inventariação, dado que o acesso àquele espaço se torna extremamente perigoso para a preservação dos seus contextos funerários.

A quantificação total dos ossos identificáveis à superfície da necrópole nas salas e galerias não escavadas sugere um número mínimo de 121 indivíduos, entre adultos e jovens. Contudo, não podemos esquecer que esta avaliação não é, *de forma alguma*, definitiva, dadas as limitações de uma tal quantificação. Em primeiro lugar, partiu-se do princípio que em cada sala (área) inventariada estão presentes indivíduos distintos. Isto é, o número mínimo de indivíduos foi calculado por sala mas não há garantias de que ossos de um mesmo esqueleto não possam estar dissipados por zonas distintas da gruta. Essa hipótese, contudo, parece-nos pouco viável, dado que as áreas escavadas até ao momento (Salas A e B) forneceram dados suficientes para afirmar que, embora por vezes

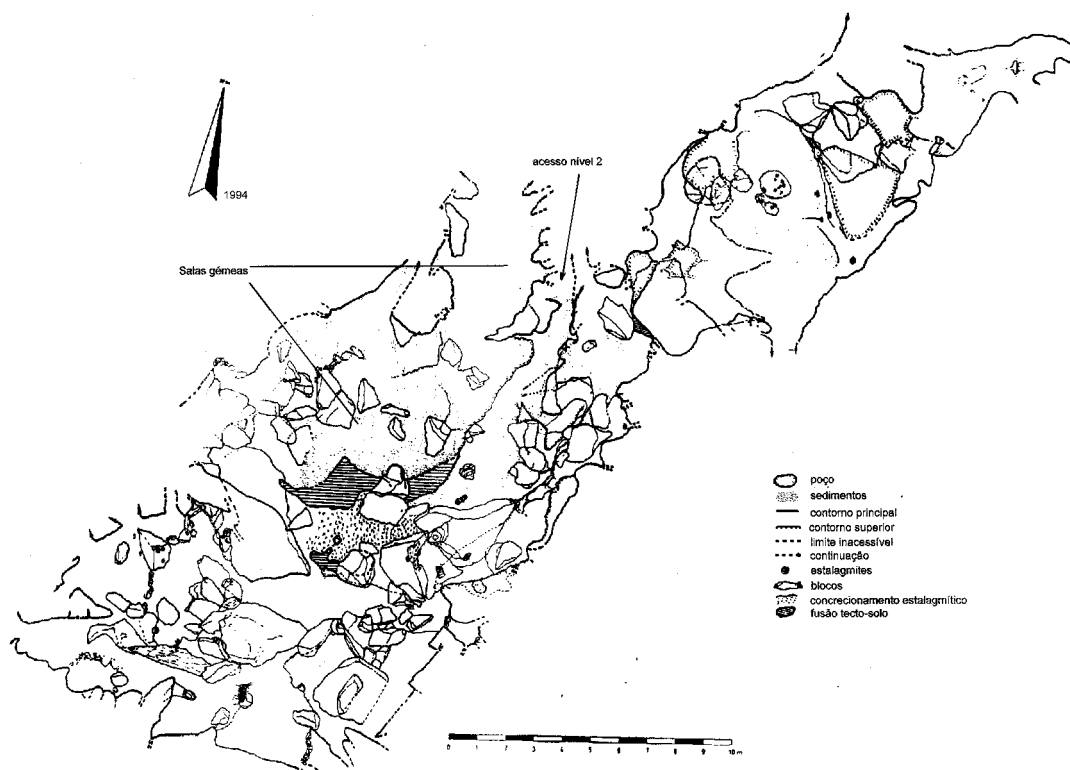


Fig. 2. Algar do Bom Santo, planta do nível inferior da necrópole (adaptado de um original da AESDA).

parcial, o esqueleto de cada indivíduo se concentra em áreas circunscritas. Podemos apontar como segundo factor de parcialidade nesta quantificação o facto de se tratar de um inventário unicamente de superfície, não sendo de excluir a hipótese de as ossadas depositadas sob os núcleos superficiais multiplicarem enormemente a estimativa do número de indivíduos presentes. Com efeito, a escavação de 1 metro quadrado da Sala B, que aparentava albergar uma só deposição funerária (cf. Fig. 3), resultou na recolha de restos osteológicos de três adultos e três subadultos, o que multiplica em seis o número de indivíduos aparentemente presentes nesta área.

A quantificação precisa da totalidade de corpos representados nesta necrópole não é, assim, passível de concretização sem a escavação do sítio na sua totalidade. Tal estratégia não nos parece ajustada, dado que as excelentes condições da jazida justificam a sua preservação, mantendo as intervenções arqueológicas a um ritmo pontual, respondendo a questões muito específicas, canalizadas nomeadamente para o esclarecimento dos rituais funerários praticados por estas populações do Neolítico Final da Estremadura portuguesa, a duração da utilização da necrópole e o seu papel em termos de elemento de identidade das comunidades que a utilizaram.

Os métodos da bio-arqueologia têm comprovado a validade da sua utilização no decifrar dos contextos funerários neolíticos e calcolíticos (cf. Silva, 1997), e são indispensáveis na compreensão da gestão das necrópoles colectivas onde momentos distintos dos processos fúnebres estão representados. No Algar do Bom Santo, a análise dos restos osteológicos quantificados



Fig. 3. Deposição funerária da superfície da Sala B (unidades B2, B3), sob a qual se encontravam ossos pertencentes a outros seis indivíduos.

à superfície da necrópole demonstra uma clara maioria de representação de fragmentos de calote craniana e de ossos longos, sobretudo fêmures e tíbias. Não seria correcto especificar o número total de ossos inventariados em zonas distintas da gruta, dado que existem áreas onde a visibilidade possível é reduzidíssima. Foi, contudo, efectuado o registo em vídeo da totalidade da necrópole (com excepção das Salas Gémeas) por uma equipa da RTP2 (Paulo Costa e Sérgio Pinheiro), registo que se encontra em arquivo nos cofres do Instituto Português de Arqueologia. O objectivo desta recolha foi a salvaguarda de um testemunho visual da necrópole e da riqueza do seu espaço funerário tal como hoje se apresenta, quase cinco mil anos após a sua utilização.

3. Contexto cronológico

Dada a especificidade e homogeneidade do espólio artefactual associado às ossadas do Algar do Bom Santo, e a ausência de sequências estratigráficas longas, identificáveis no decorrer da escavação, a datação directa dos ossos humanos surge como um indispensável indicador da sequência cronológica de ocupação da necrópole. Seis datações absolutas foram efectuadas a partir de ossos humanos exumados no Algar do Bom Santo, sendo apenas uma amostra proveniente de uma zona não escavada da necrópole. Na análise dos resultados obtidos, bem como no manuseamento e escolha das amostras, foi fundamental a colaboração de A. M. Monge Soares (Laboratório de Isótopos Ambientais, Instituto Tecnológico e Nuclear). As datas obtidas indicam uma amplitude máxima de ocupação de cerca de 500 anos (para um intervalo de confiança de 95%), distribuída pelos segundo e terceiro quartéis do IV milénio a.C.

Quadro 2 – Datas de radiocarbono obtidas a partir de amostras de ossos humanos provenientes do Algar do Bom Santo (calibradas segundo a tabela de Stuiver e Pearson, 1993).							
<i>Amostra</i>	<i>Proveniência</i>	<i>Ossos</i>	<i>dC13(0/00)</i>	<i>Anos BP</i>	<i>Intersecção cal BC</i>	<i>1 sigma cal BC</i>	<i>2 sigma cal BC</i>
ICEN-1181	Superfície Sala A	Fémur	-21.8	4030±280	2563	2910-2140	3350-1750
OxA-5513	Sala A, 2309	Fémur	-19.6	4860±100	3647	3760-3740 3720-3620 3580-3530	3930-3870 3810-3490 3470-3370
OxA-5511	Superfície Sala B.1	Fémur	-19.6	4705±65	3505 3412 3384	3620-3580 3540-3370	3640-3350
OxA-5512	Sala B, C2,27	Fémur	-19.6	4630±60	3367	3500-3420 3380-3350	3620-3590 3530-3300 3230-3180 3170-3110
Beta-120047	Sala B, B3,394	Esterno	-20.7	4430±50	3045	3100-2930	3325-2910
Beta-120048	Sala C	Crânio	-19.6	4780±50	3625 3565 3540	3640-3515	3660-3495 3445-3380

Uma das datas (ICEN-1181) foi obtida a partir de uma recolha de superfície, efectuada durante a primeira visita de reconhecimento à estação, na Sala A (Zilhão e Araújo, 1993). O reduzido teor em colagénio desta amostra torna a data obtida de pequena fiabilidade, além de que o elevado desvio-padrão a torna de interesse reduzido como referência cronológica (Monge Soares, comunicação pessoal).

As restantes amostras, datadas por AMS, provêm dos seguintes contextos:

OxA-5513: fémur direito proveniente da Sala A, quadrícula E0, n.º 33 (cf. Fig. 1). Provém de um núcleo de ossos exumados junto ao bloco de separação entre as duas salas sondadas, caracterizado por um grupo de sete crânios aproximadamente dispostos em círculo, em conjunto com alguns ossos longos (cf. Fig. 4). Por estar nitidamente associado a este núcleo de crânios, a uma profundidade de 5 cm, o fémur foi seleccionado para datação. Trata-se, portanto, de um elemento osteológico praticamente superficial, integrado num conjunto de ossos humanos cuja deposição é de carácter secundário, mas não aleatório.



Fig. 4. Agrupamento de crânios postos a descoberto durante a escavação da Sala A (sul). No canto superior direito é visível o fémur utilizado para datação.

OxA-5511: fémur esquerdo proveniente da Sala B, quadrícula B3, n.º 11 (cf. Fig. 1). Este osso encontrava-se claramente à superfície da sala, constituindo parte de um esqueleto praticamente completo, associado a uma concha de *Pecten maximus* perfurada (cf. Fig. 3). O seu contexto sugeria tratar-se provavelmente da última deposição a ter sido feita nesta sala, dado o seu estado de conservação e a sua posição superficial em relação a outros ossos visíveis, mas não tão totalmente expostos como este.

OxA-5512: fémur esquerdo proveniente da Sala B, quadrícula C2, n.º 67 (cf. Fig. 1). Não se trata de uma deposição superficial (encontrava-se a cerca de 10 cm de profundidade), tendo sido exumada na sequência da escavação do conjunto de ossos da unidade adjacente, onde se encontrava depositado o indivíduo representado pela amostra OxA-5511.

Beta-120047: esterno proveniente da Sala B, quadrícula B3, n.º 393 (cf. Fig. 1). Proveniente de um contexto que indicia ser um dos mais (se não o mais) antigo da Sala B. Com efeito, encontrava-se anatomicamente associado a metade de uma caixa torácica exumada junto à base da sala (cf. Fig. 5), base constituída por um enorme bloco de derrube sob a área onde estava colocado o indivíduo aqui representado pela amostra OxA-5511.



Fig. 5. Esqueleto parcial exumado durante a escavação da Sala B. Os ossos encontravam-se em contacto directo com a base da sala.

Beta-120048: temporal esquerdo, obtido a partir de um crânio retirado da Sala C (cf. Fig. 1) para análise de patologia craniana. Trata-se de uma recolha de superfície (a única efectuada nas áreas da gruta que não foram sujeitas a escavação arqueológica), recolhida com o objectivo de confrontar as datas obtidas para esta sala (a das Pegadas) com a cronologia das áreas sondadas nas campanhas arqueológicas. A data obtida confirma a hipótese de estarmos perante um contexto uniforme, também em termos cronológicos (cf. Quadro 2).

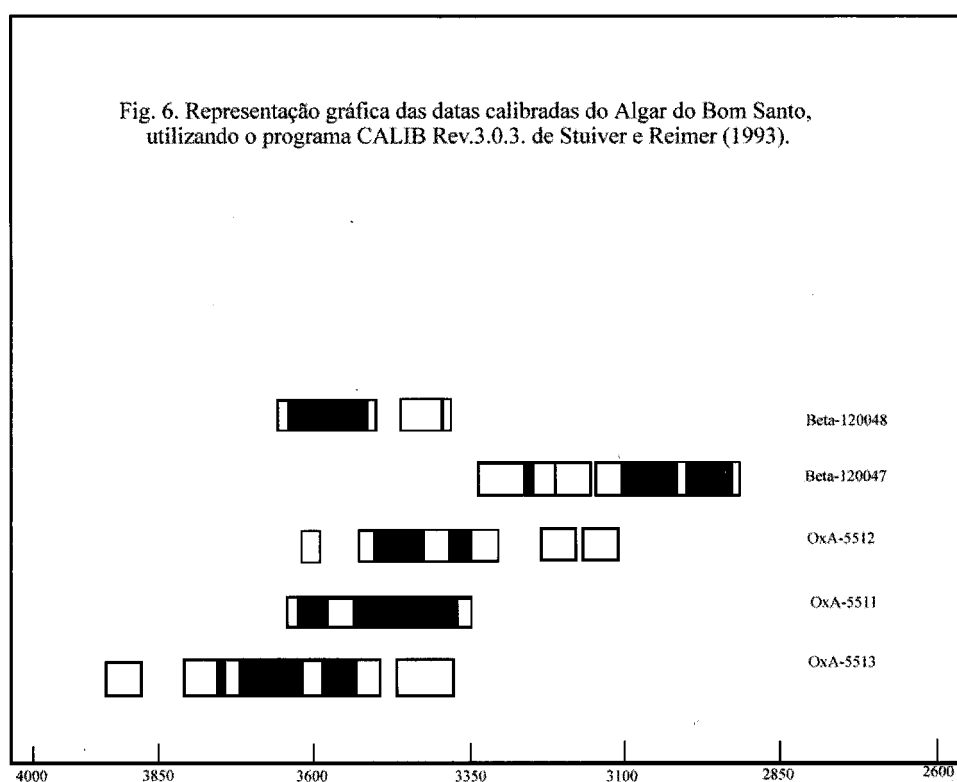


Fig. 6. Representação gráfica das datas calibradas do Algar do Bom Santo, utilizando o programa CALIB Rev. 3.0.3. de Stuiver e Reimer (1993).

A diferença de datações entre as três salas testadas (Salas A, B e C) não parece indiciar qualquer diferença temporal significativa na utilização dos diversos espaços da necrópole (cf. Fig. 6). Contudo, seria necessária uma amostragem mais numerosa para que a população estatística pudesse ser alargada e, conseqüentemente, a interpretação dos dados mais sólida. Com efeito, e dado que se trata de uma época de significativas transformações ao nível da Pré-história recente (cf. Soares, no prelo), a definição mais segura de intervalos de tempo correspondentes a contextos arqueológicos específicos torna-se fundamental.

O problema do reduzido número de amostras em análise agrava-se ao tentarmos interpretar a sequência cronológica de deposições funerárias, a um nível mais pormenorizado, como no caso da Sala B. Com efeito, as duas datas obtidas a partir das duas amostras provenientes do quadrado B3 dessa sala (OxA-5511 e Beta-120047) sugerem uma idade mais antiga para a depo-

sição funerária de superfície do que para aquela que lhe estava num nível subjacente (cf. Quadro 1). O facto de a data Beta-120047 ser mais recente pode ser explicado de duas formas:

- A data Beta-120047 constitui um *outlier*, não representando, de facto, um momento posterior de deposição funerária na Sala B;
- a sequência de deposições funerárias não obedecia a uma ordem de acumulação sucessiva de corpos (pelo menos, neste caso) mas sim a um outro tipo de organização espacial onde as diferenças cronológicas se manifestam horizontalmente, ao longo do espaço funerário.

O método de datação pelo radiocarbono permite-nos interpretar os resultados unicamente em termos probabilísticos, não sendo válida a comparação simplista de intervalos e intersecções para a construção de sequências tão minuciosas como aquelas que estão em discussão. Contudo, o facto de duas das datas obtidas para o Algar do Bom Santo (Ox-5512 e Beta-120047) poderem representar um indício de ausência de uma sequência cronológica vertical no espaço da necrópole, justifica uma amostragem futura mais numerosa.

Na generalidade, as datas absolutas obtidas para o Algar do Bom Santo inserem-se no contexto cronológico da necrópole neolítica da *Gruta da Herdade da Sala* (Soares, 1994), da Camada III da *Gruta da Feteira* (Zilhão 1984; Zilhão e Carvalho, 1996), da camada vermelha da *Lapa do Fumo* (Soares e Cabral, 1993) e do *Algar do Barrão* (Zilhão e Carvalho, 1995), todas necrópoles em gruta, de carácter colectivo. Semelhante do ponto de vista artefactual e da distribuição espacial das ossadas, descrita pelos arqueólogos responsáveis, é a *Gruta Lugar do Canto* (Leitão et al., 1987).

A raridade dos contextos habitacionais do maciço calcário onde se desenvolve a maioria destas cavidades (cf. Zilhão e Carvalho, 1995), levanta desafios de interpretação dos aspectos funcionais destas necrópoles. A intensidade da sua utilização aparenta ter sido, em alguns casos, bruscamente interrompida – Algar do Bom Santo, Gruta da Herdade da Sala, Algar do Barrão, Gruta do Lugar do Canto – enquanto em outras necrópoles ela é prolongada por épocas mais tardias da Pré-História Recente – Gruta da Feteira, Lapa do Fumo, Lapa do Bugio, Lapa da Furada (cf. Duarte e Arnaud, 1995; Araújo e Lejeune, 1994; Zilhão e Carvalho, 1995; Leitão et al., 1987; Zilhão, 1984; Serrão e Marques, 1971, Cardoso et al., 1992; Cardoso e Cunha, 1995).

Por outro lado, o facto de as datas obtidas para estas necrópoles coincidirem parcialmente com as datas de contextos megalíticos e grutas artificiais (por exemplo, Monte Canelas e Praia das Maças; cf. Silva, 1997; Soares, s.d.), impõe uma análise das afinidades entre as populações biológicas representadas nos diversos contextos funerários do Neolítico, a nível regional.

4. Conclusão

Descoberto em 1993, o Algar do Bom Santo constitui uma das mais importantes necrópoles neolíticas em gruta, a nível europeu. Os trabalhos desenvolvidos ao longo de três anos de intervenções arqueológicas permitiram quantificar um número mínimo de 121 indivíduos representados à superfície da necrópole, não englobando duas das 11 áreas distintas da necrópole, por dificuldade de acesso. Este número não exclui a possibilidade de estarem presentes os restos humanos de muitos mais indivíduos, acumulados sob as ossadas visíveis à superfície.

As características da necrópole sugerem o Neolítico Final como fase da sua ocupação aparentemente exclusiva, apresentando semelhanças significativas com a Gruta da Herdade da Sala (Escoural) e a Gruta do Lugar do Canto. As cinco datações por radiocarbono obtidas por A. Monge Soares apontam para um intervalo máximo de ocupação de cerca de 500 anos, distribuído ao longo dos segundo e terceiro quartéis do IV milénio a.C.

AGRADECIMENTOS

- Universidade de Alberta, Canadá
- Izaak Walton Killam Foundation, Canadá
- Fundação Calouste Gulbenkian
- Instituto Português do Património Arquitectónico
- Instituto Português de Arqueologia
- Museu Nacional de Arqueologia
- Câmara Municipal de Alenquer
- Associação de Estudos Subterrâneos e de Defesa do Ambiente
- Força Aérea Portuguesa
- Ministério da Agricultura
- Instituto Tecnológico e Nuclear
- Radiotelevisão Portuguesa
- Empresa Torres-Peças

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, A. C. ; LEJEUNE, M. (1994) - *Gruta do Escoural: a necrópole neolítica e a arte rupestre paleolítica*. Lisboa : IPPAR (Trabalhos de Arqueologia ; 8).
- CARDOSO, J. L. ; MONTEIRO, R. ; FERREIRA, O. V. ; COELHO, A. V. P. ; GUERRA, M. F. ; GIL, F. B. ; PAIS, J. (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. ; CUNHA, A. S. (1995) - *A Lapa da Furada*. Sesimbra : Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L. ; SOARES, A. M. M. (1995) - Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-madan*. Almada. Série 2. 4, p. 10-13.
- DUARTE, C. ; ARNAUD, J. E. M. (1996) - Algar do Bom Santo: une nécropole néolithique dans l'Estremadura portugaise. *Rubricatum*. Gavà.1, p. 505-508.
- LEITÃO, M. ; NORTH, C. T. ; NORTON, J. ; FERREIRA, O. da V. ; ZBYSZEWSKI, G. (1987) - A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 5, p. 37-65.
- MARTINS, A. ; RAMOS, C. (1992) - Elementos para análise e descrição de produções cerâmicas. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 91-101.
- REGALA, F. T. (1995) - Gruta do Bom Santo: notícia da descoberta da maior necrópole neolítica da Europa, numa gruta de Montejunto. *Trogle*. Torres Vedras. 1, p. 14-15.
- SANTOS, M. F. dos (1971) - Manifestações votivas da necrópole da Gruta do Escoural. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra*. Lisboa : Instituto de Alta Cultura. Vol. I, p. 95-97.
- SANTOS, M. F. dos (1985) - Manifestações neolíticas no contexto dos testemunhos pré-históricos do Outeiro da Herdade da Sala (Escoural, Montemor-o-Novo, Portugal). In *Actas del XVII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza. p. 135-142.

- SERRÃO, E. da C. ; MARQUES, G. (1971) - Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia. Coimbra*. Lisboa : Instituto de Alta Cultura. Vol. I, p. 121-142.
- SILVA, A. M. (1997) - O hipogeu de Monte Canelas I. Contribuição da antropologia de campo e da paleobiologia na interpretação dos gestos funerários do IV e III milénios a.C. In *Actas del II Congreso de Arqueología Peninsular*. Zamora : Fundación Rei Afonso Henriques. Tomo II, p. 241-248.
- SOARES, A. M. (1994) - Datação absoluta da necrópole "neolítica" da Gruta do Escoural. In ARAÚJO, A. C. ; LEJEUNE, M. - *Gruta do Escoural: a necrópole neolítica e a arte rupestre paleolítica*. Lisboa : IPPAR (Trabalhos de Arqueologia ; 8), p. 111-119.
- SOARES, A. M. (no prelo) - Megalitismo e cronologia absoluta. *Actas del II congreso de Arqueología Peninsular*.
- SOARES, A. M. ; CABRAL, J. (1993) - Cronologia absoluta para o calcolítico da Estremadura e do sul de Portugal. *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto : SPAE [*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33:3-4], p. 217-235.
- ZILHÃO, J. C. T. (1984) - *A Gruta da Feteira (Lourinhã). Escavação de salvamento de uma necrópole neolítica*. Lisboa : IPPC (Trabalhos de Arqueologia ; 1).
- ZILHÃO, J. ; ARAÚJO, A. C. (1993) - *Algar do Bom Santo: relatório do reconhecimento arqueológico efectuado em 21.11.93*. Relatório apresentado ao Departamento de Arqueologia do IPPAR. Lisboa.
- ZILHÃO, J. C. T. ; CARVALHO, A. F. (1996) - O Neolítico do maciço calcário estremenho: crono-estratigrafia e povoamento. *Rubricatum*.Gavà.1, p. 659-671.